
Arthur Conan Doyle

SHERLOCK HOLMES

EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

VOLUME 5

Histórias de Sherlock Holmes

Edição e notas:

LESLIE S. KLINGER

com pesquisa adicional de JANET BYRNE e PATRICIA J. CHUI

Tradução:

MARIA LUIZA X. DE A. BORGES



ZAHAR



Título original:
The New Annotated Sherlock Holmes
(Vol.2: *The Return of Sherlock Holmes, His Last Bow, The Case-Book of Sherlock Holmes*)

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana
publicada em 2005 por W.W. Norton, de Nova York,
Estados Unidos, em acordo com Wessex Press, LLC.

Copyright © 2005, Leslie S. Klinger

Copyright da edição brasileira © 2008:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
2ª edição: 2011 (novo formato, preservando o texto integral e a maioria das ilustrações)

Preparação: André Telles | *Revisão:* Sandra Mager, Glória Carvalho
Projeto gráfico e composição: Mari Taboada | *Capa:* Miriam Lerner

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D784s Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930
2.ed. Sherlock Holmes, v.5: histórias de Sherlock Holmes / Arthur Conan
v.5 Doyle; edição e notas Leslie S. Klinger; com pesquisa adicional de Patricia J. Chui; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – 2.ed. comentada e il. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011. il.

Tradução de: The new annotated Sherlock Holmes, v.2: The return of Sherlock Holmes; His last bow; The case-book of Sherlock Holmes
ISBN 978-85-378-0696-8

1. Holmes, Sherlock (Personagem fictício) – Ficção. 2. Watson, John H. (Personagem fictício) – Ficção. 3. Detetives particulares – Inglaterra – Ficção. 4. Ficção policial inglesa. I. Klinger, Leslie. II. Borges, Maria Luiza X. de A. (Maria Luiza Xavier de Almeida), 1950-. III. Título. IV. Título: Histórias de Sherlock Holmes.

O Cliente Ilustre¹



Esta última coletânea de aventuras curtas, intitulada em inglês The Case-book of Sherlock Holmes, consiste em doze contos publicados de 1921 a 1927 na Strand Magazine. Curiosamente, contém um prefácio da autoria de Arthur Conan Doyle, e foi então levantada a dúvida: teria o dr. Watson escrito todas as histórias atribuídas a ele neste volume? Há sugestões de que algumas são da lavra da mulher ou da prima do médico; algumas podem até ter sido escritas por Sir Conan Doyle! “O cliente ilustre” é um conto do Holmes maduro que se desenrola em 1902. Holmes é fisicamente atacado no caso, mas, como em “Os seis Napoleões”, usa o poder da imprensa para lograr o vilão. Embora Holmes peça a Watson que se disfarce de perito em cerâmica chinesa, estudos mostram que seu plano faz pouco sentido. O caso se abre com mais um exemplo do “esnobismo às avessas” de Holmes em suas relações com o presumido Sir James Damery, e há um contraste chocante quando mais tarde conhecemos “Porky” Shinwell Johnson, um espião do “submundo” a serviço de Holmes.

“Agora ela não pode fazer mal”, foi o comentário de Mr. Sherlock Holmes quando, pela décima vez em dez anos, pedi autorização para revelar a narrativa que se segue. Foi assim que finalmente consegui permissão para registrar o que foi, sob alguns aspectos, o momento supremo da carreira do meu amigo.

Holmes e eu tínhamos ambos um fraco pelo banho turco.² Era em meio à fumaça, na agradável lassidão da sala de relaxamento, que eu o via menos reticente e mais humano que em qualquer outro lugar. No pavimento superior do estabelecimento da Northumberland Avenue, há um canto isolado com duas espreguiçadeiras lado a lado, e foi nelas que nos estendemos em 3 de setembro de 1902, o dia em que minha narrativa começa. Eu lhe perguntara se estava acontecendo alguma coisa, e como resposta ele havia tirado seu braço comprido, fino e nervoso de debaixo dos panos que o envolviam e puxado um envelope do bolso interno do paletó pendurado ao seu lado.





“Sherlock Holmes tirou seu braço comprido, fino e nervoso de debaixo dos panos e puxou um envelope do bolso interno do paletó pendurado ao seu lado.” [Howard Elcock, *Strand Magazine*, 1925]

“Pode ser algum idiota nervoso e presumido, ou pode ser uma questão de vida ou morte”, disse ele ao me entregar o bilhete. “Sei apenas o que esta mensagem me diz.”

Vinha do Carlton Club³ e era datada da noite anterior. O que li foi:

Sir James Damery apresenta seus cumprimentos a Mr. Sherlock Holmes e o visitará amanhã às 16h30. Sir James pede licença para dizer que o assunto sobre o qual deseja consultar Mr. Holmes é muito delicado e também muito importante. Confia, portanto, que Mr. Holmes envidará todos os esforços para conceder essa entrevista e que a confirmará mediante um telefonema para o Carlton Club.⁴

“Não preciso dizer que a confirmei, Watson”, disse Holmes quando lhe devolvi o papel. “Sabe alguma coisa sobre esse tal Damery?”

“Apenas que seu nome é muito conhecido na sociedade.”

“Bem, posso lhe dizer um pouco mais que isso. Ele tem considerável reputação por resolver assuntos delicados de que os jornais não devem ser informados. Talvez você se lembre da negociação que fez com Sir George Lewis⁵ acerca do caso de Hammeford Will. É um homem do mundo com um pendor natural para a diplomacia. Tudo me leva a crer que esta não seja uma pista falsa e que ele tenha real necessidade de nosso auxílio.”

“Nosso?”

“Bem, se você tiver a bondade, Watson.”

“Será uma honra.”

“Então você sabe a hora — quatro e meia. Até lá podemos tirar o assunto da cabeça.”



Na época eu morava em meu próprio apartamento em Queen Anne Street,⁶ mas estava em Baker Street antes da hora designada. Às quatro e meia em ponto o coronel Sir James Damery foi anunciado. É praticamente desnecessário descrevê-lo, porque muitos se lembrarão daquela personalidade liberal, expansiva e sincera, daquele rosto largo e escanhado, e, acima de tudo, daquela voz agradável, melodiosa. A franqueza brilhava em seus olhos cinza irlandeses e o bom humor brincava em seus lábios inquietos, sorridentes. Sua cartola reluzente, a sobrecasaca escura, na verdade cada detalhe, do alfinete de pérola na gravata preta de cetim às polainas cor de alfazema sobre os sapatos de verniz, falava do cuidado meticuloso com a vestimenta pelo qual era famoso. O grande e imponente aristocrata dominou a pequena sala.

“Eu esperava encontrar o dr. Watson, é claro”, observou ele, curvando-se cortesmente. “Sua colaboração pode ser muito necessária, pois estamos lidando nesta ocasião, Mr. Holmes, com um homem familiarizado com a violência e que irá, literalmente, a qualquer extremo. Devo dizer que não há homem mais perigoso na Europa.”

“Tive muitos adversários a quem essa lisonjeira expressão foi aplicada”, disse Holmes com um sorriso. “O senhor fuma? Permita-me então acender o meu cachimbo.⁷ Se o seu homem for mais perigoso que o finado professor



Moriarty, ou que o ainda vivo⁸ coronel Sebastian Moran, realmente merece ser encontrado. Posso lhe perguntar o nome dele?”

“Já ouviu falar no barão Gruner?”

“Refere-se ao assassino austríaco?”

O coronel Damery ergueu as mãos calçadas com luvas de pelica, dando uma risada. “Nada lhe escapa, Mr. Holmes! Maravilhoso! Então já concluiu que é um assassino?”

“É meu dever de ofício acompanhar os detalhes do crime continental. Quem poderia ter lido o que aconteceu em Praga e ter alguma dúvida



“O coronel Damery ergueu as mãos calçadas com luvas de pelica, dando uma risada.

‘Nada lhe escapa, Mr. Holmes! Maravilhoso!’”

[Howard Elcock, *Strand Magazine*, 1925]

quanto à culpa do homem? O que o salvou foi uma questão legal puramente técnica e a morte suspeita de uma testemunha! Tenho tanta certeza de que matou a mulher por ocasião do pretense ‘acidente’ ocorrido no desfiladeiro de Splügen⁹ como se tivesse assistido à cena.¹⁰ Sabia, também, que ele viera para a Inglaterra e tinha um pressentimento de que, mais cedo ou mais tarde, me veria às voltas com ele. Bem, que andou fazendo o barão Gruner? Suponho que não é essa velha tragédia que veio à tona de novo!”

“Não, é mais sério que isso.

Vingar o crime é importante, mas

impedi-lo é ainda mais. É uma coisa terrível, Mr. Holmes, ver um acontecimento pavoroso, uma situação atroz, armando-se diante de nossos olhos, compreender claramente suas consequências e, apesar disso, ser completamente incapaz de evitá-lo. Pode um ser humano se ver numa situação mais exasperante?”

“Talvez não.”

“Nesse caso o senhor se solidarizará com o cliente em cujo interesse estou agindo.”

“Não havia entendido que o senhor era meramente um intermediário. Quem é o principal interessado?”

“Devo lhe pedir, Mr. Holmes, que não insista nessa pergunta. É importante que eu possa assegurar a ele que seu honrado nome não foi envolvido de maneira alguma no assunto. Ele tem os motivos mais dignos e cavalheirescos, mas prefere permanecer incógnito. Não preciso dizer que os seus honorários estarão garantidos e que terá carta branca. Claro que o nome real do cliente é irrelevante, não é?”

“Sinto muito”, disse Holmes. “Estou habituado a ter mistério numa ponta de meus casos, mas receio que tê-lo em ambas as pontas possa gerar confusão demais. Lamento ter de me recusar a agir.”

Nosso visitante ficou extremamente perturbado. Seu rosto largo e sensível carregou-se de emoção e desapontamento.

“Certamente não aquilata o efeito da sua própria ação, Mr. Holmes”, disse. “Coloca-me num gravíssimo dilema, pois tenho plena certeza de que teria orgulho de assumir o caso se eu pudesse lhe dar os fatos, embora uma promessa me proíba de revelá-los plenamente. Permite ao menos que lhe exponha tudo o que posso?”

“Sem dúvida, desde que fique entendido que não me comprometo com nada.”

“Está entendido. Em primeiro lugar, com certeza ouviu falar do general De Merville?”

“O afamado De Merville de Khyber?¹¹ Sim, ouvi falar dele.”

“Ele tem uma filha, Violet de Merville, jovem, rica, bonita, prendada, uma mulher admirável sob todos os aspectos. É essa filha, essa moça encantadora e inocente, que estamos tentando salvar das garras de um demônio.”

“Então o barão Gruner tem alguma influência sobre ela?”

“A mais forte de todas as influências em se tratando de uma mulher — a influência do amor. O sujeito é, como talvez tenha ouvido falar, extraordinariamente bem-apegoado, com maneiras as mais fascinantes, uma voz suave e aquele ar de romance e mistério que tanto impressiona uma mulher. Dizem que tem todas elas à sua mercê e que tira amplo proveito disso.”

“Mas como semelhante homem veio a conhecer uma dama da posição social de Miss Violet de Merville?”

“Foi numa viagem de iate pelo Mediterrâneo. Embora fosse um grupo seleto, os integrantes pagaram as próprias passagens.¹² Sem dúvida os or-



ganizadores só perceberam o verdadeiro caráter do barão quando era tarde demais. O vilão insinuou-se junto à dama, e com tal competência que lhe conquistou completa e absolutamente o coração. Dizer que ela o ama é ficar aquém da verdade. Ela é louca, é obcecada por ele. Fora dele não existe nada sobre a Terra. Não admite ouvir uma só palavra contra ele. Tudo foi feito para curá-la dessa loucura, mas em vão. Em resumo, ela pretende se casar com ele no mês que vem. Como é maior de idade e tem uma vontade de ferro, é difícil imaginar um meio de impedi-la.”

“Ela tem conhecimento do episódio austríaco?”

“O diabo ardiloso contou-lhe todos os abomináveis escândalos públicos de sua vida passada, mas de maneira a aparecer como um mártir inocente. Ela aceita completamente sua versão e se recusa a ouvir qualquer outra.”

“Meu Deus! Mas parece que, inadvertidamente, deixou escapar o nome de seu cliente. É sem dúvida o general De Merville, não?”

Nosso visitante agitou-se em sua cadeira.

“Eu poderia enganá-lo dizendo que sim, Mr. Holmes, mas não seria verdade. De Merville é um homem arrasado. O forte soldado ficou inteiramente acovardado por esse incidente. Perdeu a coragem que nunca lhe faltou no campo de batalha e se tornou um velho fraco, trêmulo, incapaz de lutar com um patife brilhante, convincente como esse austríaco. Meu cliente, no entanto, é um velho amigo, um homem que conhece o general intimamente há muitos anos e desenvolveu um interesse paternal por essa menina desde que ela usava vestido curto. Ele é incapaz de ver essa tragédia se consumir de braços cruzados. Não é uma situação em que a Scotland Yard possa agir. Foi sugestão dele mesmo que o senhor fosse chamado, mas isso, como eu disse, sob a recomendação expressa de que ele não deveria ser pessoalmente envolvido no assunto. Não tenho dúvida, Mr. Holmes, de que, com seus grandes poderes, conseguiria descobrir facilmente quem é o meu cliente por meu intermédio, mas devo lhe pedir, como ponto de honra, que se abstenha de fazê-lo e não quebre seu anonimato.”

Holmes abriu um sorriso despropositado.

“Acho que posso certamente lhe prometer isso”, disse. “Posso acrescentar que seu problema me interessa e que estou disposto a examiná-lo. Como poderei entrar em contato com o senhor?”



“O Carlton Club me encontrará. Mas, em caso de emergência, há um telefone privado: ‘XX.31.’”

Holmes anotou-o e se sentou, ainda sorrindo, com sua agenda aberta sobre os joelhos.

“O endereço atual do barão, por favor?”

“Vernon Lodge, perto de Kingston. É uma casa grande. Ele tem tido sorte em algumas especulações bastante duvidosas e é um homem rico, o que, naturalmente, faz dele um rival mais perigoso.”

“Ele está em casa no momento?”

“Está.”

“Afora o que me contou, pode me dar mais alguma informação sobre o homem?”

“Ele tem gostos dispendiosos. É um aficionado dos cavalos. Durante um breve tempo jogou polo em Hurlingham,¹³ mas depois esse caso de Praga suscitou rumores e ele teve de abandonar o esporte. Coleciona livros e pinturas. É um homem com considerável faceta artística em sua natureza. É, acredito, uma autoridade reconhecida em cerâmica chinesa e escreveu um livro sobre o assunto.”

“Uma mente complexa”, disse Holmes. “Todos os grandes criminosos são assim. Meu velho amigo Charlie Peace¹⁴ era um virtuose do violino. Wainwright¹⁵ era um artista respeitável. Eu poderia citar muitos outros. Bem, Sir James, queira informar ao seu cliente que estou voltando minha mente para o barão Gruner. Não posso dizer mais nada. Tenho algumas fontes de informação próprias e atrevo-me a dizer que daremos um jeito de abordar o caso.”

Depois que nosso visitante nos deixou, Holmes passou tanto tempo imerso em profundos pensamentos que tive a impressão de que se esquecerá da minha presença. Por fim, contudo, voltou vividamente à Terra.

“Bem, Watson, alguma opinião?”

“Eu diria que o melhor seria você ver a própria jovem.”

“Meu caro Watson, se o pobre e alquebrado pai dela não a consegue demover, como eu, um estranho, o conseguiria? No entanto, a sugestão faz algum sentido, se tudo o mais falhar. Mas acho que devemos começar de um ângulo diferente. Imagino que Shinwell Johnson certamente nos poderá ser útil.”



Ainda não tive oportunidade de mencionar Shinwell Johnson nestas memórias porque raramente extraí meus casos das últimas fases da carreira do meu amigo. Durante os primeiros anos do século, ele se tornou um assistente valioso. Johnson, lamento dizer, fez seu nome de início como um bandido muito perigoso e cumpriu penas severas em Parkhurst.¹⁶ Por fim, arrependeu-se e aliou-se a Holmes, passando a operar como seu agente no enorme submundo de Londres e obtendo informações que muitas vezes se provavam de importância vital. Fosse Johnson um alcaguete da polícia, logo teria sido flagrado, mas como lidava com casos que jamais chegavam diretamente aos tribunais, suas atividades nunca eram percebidas por seus companheiros. Com o *glamour* que seus dois sentenciamentos lhe conferiam, tinha acesso a todos os *night-clubs*, hotéis baratos e antros de jogo da cidade, e sua observação rápida e cérebro ativo faziam dele um agente ideal para cavar informações.¹⁷ Era a ele que Sherlock Holmes pretendia recorrer agora.

Não me foi possível acompanhar os passos imediatos do meu amigo, pois eu tinha alguns assuntos profissionais prementes para resolver, mas marcamos um encontro para aquela noite no Simpson's, onde, sentados a uma mesinha junto à janela da frente e contemplando o agitado fluxo de pessoas no Strand, ele me contou alguma coisa do que se passara.

“Johnson está à espreita”, disse. “Talvez consiga recolher algum lixo nos recessos mais escuros do submundo, porque é lá, em meio às raízes negras do crime, que devemos procurar os segredos desse homem.”

“Mas, se a dama não admite o que já é sabido, por que alguma nova descoberta a demoveria de sua intenção?”

“Quem sabe, Watson? O coração e a mente de uma mulher são enigmas insolúveis para o homem. O assassinato pode ser tolerado ou explicado, e, não obstante, uma ofensa menor poderia exasperar. O barão Gruner comentou comigo...”

“Comentou com você?”

“Oh, mas é claro, eu não lhe havia contado meus planos! Bem, Watson, gosto de me atracar diretamente com o meu homem. Gosto de estar com ele olho no olho e ver por mim mesmo de que estofô é feito. Depois de instruir Johnson, tomei um carro de aluguel para Kingston e encontrei o barão numa disposição extremamente afável.”



“Ele o reconheceu?”

“Não houve dificuldade quanto a isso, pois simplesmente lhe enviei o meu cartão. É um excelente rival, frio como gelo, de voz aveludada, sereno como um de seus elegantes clientes, Watson, e venenoso como uma naja. Tem estirpe, é um verdadeiro aristocrata do crime, com uma sugestão superficial de chá da tarde e toda a crueldade da sepultura por trás dela. Sim, estou satisfeito por ter voltado minha atenção para o barão Adelbert Gruner.”

“Disse que ele foi afável?”

“Um gato ronronante que pensa estar vendo camundongos se aproximarem. A afabilidade de algumas pessoas é mais mortífera que a violência de almas mais grosseiras. Sua saudação foi característica: ‘Tinha certeza de que o veria mais cedo ou mais tarde, Mr. Holmes’, disse. ‘Foi contratado, sem dúvida, pelo general De Merville para tentar evitar meu casamento com sua filha Violet. Não foi?’

“Concordei.

“Vai apenas arruinar a sua merecida reputação, meu caro’, disse ele. ‘É um caso em que não tem nenhuma chance de sucesso. Terá um trabalho estéril, para não mencionar que correrá algum perigo. Permita que o aconselhe veementemente a se afastar de imediato.’

“‘É curioso’, respondi, ‘mas esse é exatamente o conselho que eu pretendia lhe dar. Tenho respeito pelo seu cérebro, barão, e o pouco que vi de sua personalidade não o diminuiu. Permita-me falar-lhe de homem para homem. Ninguém quer revolver seu passado e lhe causar desconfortos desnecessários. O caso está encerrado e agora o senhor navega em águas plácidas, mas se insistir nesse casamento açulará um enxame de inimigos poderosos que não lhe darão sossego até terem tornado a Inglaterra inóspita para o senhor. Será que vale a pena? Certamente seria mais prudente deixar a dama em paz. Não lhe seria agradável se esses fatos do seu passado fossem levados ao conhecimento dela.’

“O barão tem pelinhos encerados sob o nariz, como as anteninhas de um inseto, que, a essas palavras, vibraram divertidamente, e ele por fim deu uma risadinha suave.

“Desculpe a minha hilaridade, Mr. Holmes’, disse, ‘mas é realmente engraçado vê-lo tentando fazer uma jogada sem cartas na mão. Acho que



ninguém faria isso melhor, mas mesmo assim é um tanto patético. Não tem nenhuma figura¹⁸ na mão, Mr. Holmes, nada a não ser as cartas mais baixas.’

“‘É o que pensa.’

“‘É o que sei. Permita-me deixar as coisas claras para o senhor, pois minha mão é tão forte que posso me dar ao luxo de mostrá-la. Tive a ventura de conquistar a afeição plena dessa dama. Isso me foi dado apesar de eu lhe ter contado muito claramente todos os infelizes incidentes de minha vida passada. Disse-lhe também que certas pessoas cruéis e ardilosas — espero que o senhor se reconheça — se aproximariam dela e lhe contariam essas coisas, e ensinei-lhe como tratá-las. Já ouviu falar de sugestão pós-hipnótica, Mr. Holmes? Bem, verá como isso funciona, pois um homem de personalidade pode usar o hipnotismo sem quaisquer passes ou outras tolices vulgares.¹⁹ Portanto ela está pronta para o senhor e, não tenho dúvida, se disporá a recebê-lo, pois é muito obediente à vontade do pai — exceto numa pequena questão.’

“Bem, Watson, como parecia não haver mais nada a dizer, despedi-me com a dignidade mais fria que consegui reunir; quando eu tinha a mão na maçaneta, porém, ele me deteve.

“‘A propósito, Mr. Holmes’, disse, ‘conheceu Le Brun, o agente francês?’

“‘Sim’, respondi.

“‘Sabe o que lhe aconteceu?’

“‘Ouvi falar que levou uma surra de alguns apaches²⁰ no bairro de Montmartre²¹ e ficou aleijado para o resto da vida.’

“‘Isso mesmo, Mr. Holmes. Por uma curiosa coincidência, ele andara fazendo perguntas sobre meus negócios apenas uma semana antes. Não faça isso, Mr. Holmes; não é uma boa ideia. Muita gente descobriu isso. A última palavra que lhe digo é: siga o seu caminho e deixe-me seguir o meu. Até logo!’

“‘É isto, Watson. Agora você está a par dos últimos acontecimentos.’

“‘O sujeito parece perigoso.’

“‘Imensamente perigoso. Desprezo o fanfarrão, mas este é o tipo de homem que diz bem menos do que pensa.’

“‘Você deve interferir? É mesmo importante impedi-lo de se casar com a moça?’

